

A quinta da Piedade constitui um notável conjunto, hoje património municipal e classificado como imóvel de interesse público. Integra um solar com características do século XVIII e interiores forrados de azulejos da época; zonas de lazer com lagos e fontanários; capelas - Nossa Senhora da Piedade, Senhor Morto e São Jerónimo, todas do século XVI. A Igreja de Nossa Senhora da Piedade, data do século XVIII. O conjunto edificado foi o centro do morgadio da Póvoa, instituído no século XIV, que deu origem à povoação com o mesmo nome.

Jardins

Até ao século XVI, era uma quinta que apresentava um considerável bosque e onde a vegetação era alimentada por uma nascente natural. No séc. XVII, o bosque começa a ser destruído para a implantação dos jardins de recreio. Neste século, o ermo junto das áreas religiosas, é transformado num jardim de buxo, de implantação geométrica (em forma de quadrado) delimitada por canteiros de murta. Com o século XVIII, os jardins são reformulados pelo jardineiro francês Alexandre Lasala, que unifica todo o complexo, e os jardins adquirem então uma faustosa extensão, percorrida por duas amplas alamedas perpendiculares. Reorganiza-se os pomares em quarteiros de citrinos e pereiras, afastando-os da fachada principal do palácio. No séc. XIX, é construído um tanque de patos, mas a quinta entra em abandono, e o jardim vai sendo destruído, para a implantação de cereais.



Ermida de Nossa Senhora da Piedade

O proprietário da Quinta, D. Francisco de Castelo Branco, mandou construir esta ermida, num local perfeito para o culto e a oração. Foi concluída em 1531, e havia missa quotidiana, a cargo do capelão Vasques Anes, que também, era o feitor da Póvoa. Trata-se de uma ermida manuelina, com a inclusão de símbolos, que pretendem comunicar algo, como os rebentos de vegetais do exterior da cúpula da capela-mor, revelando uma natureza maravilhosa. Portal com três arcos, representando o Pai, o Filho e Espírito Santo, o Sol representa Cristo. Até 1729, este templo manteve a atividade religiosa, celebrando as missas pela alma do fidalgo, que nos Domingos e dias santos reuniam os moradores da Póvoa.



Pátio Abaluartado

Entre 1565 e 1578, edifica-se as muralhas e baluartes do pátio, durante um período em que a Nobreza procurava reforçar o seu papel militar e a defesa das suas posses, em virtude das ameaças ao poderio militar português no norte de África, com a evacuação de alguns castelos. O pátio englobava todas as infraestruturas necessárias à administração do morgadio: casa do feitor, celeiros, lagar de azeite e vinho, adega e estábulos.



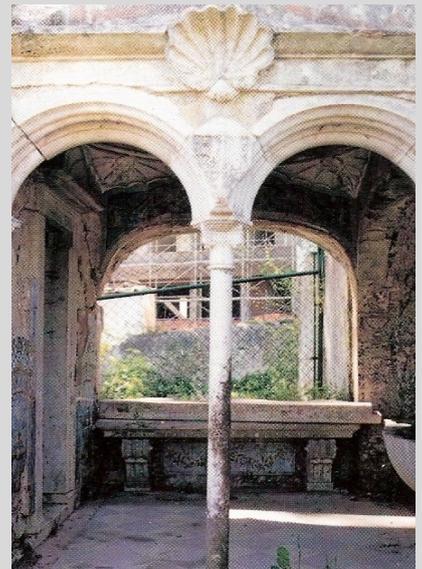
Lapa do Senhor Morto (Oratório de Nossa Senhora da Piedade)

A Lapa do Senhor Morto (1531), foi mandada construir, pelo fidalgo D. Francisco de Castelo Branco. Procura recriar o local e os momentos que antecedem o sepultamento de Jesus Cristo. Reconstrói-se a gruta onde jaz o corpo de Cristo e se observam a Virgem Maria, São João e Maria Madalena (esculturas em pedra de Ançã). As paredes exteriores são revestidas com painéis de azulejos figurando milagres de Nossa Senhora da Piedade, como o salvamento de uma criança caída num poço, o resgate de um barco de pescadores no meio de uma tempestade, ou ainda a cura de uma idosa entevada (Valentim de Almeida e Sebastião de Almeida, foram os pintores dos azulejos – séc. XVIII).



Oratório de São Jerónimo

É um minúsculo oratório (1530-1540), isolado, construído para que o solitário camareiro-mor (D. Francisco de Castelo Branco) realize as suas preces. A cúpula de gomos por cima da capela-mor, já utilizada nas guaritas da Torre de Belém, do arquiteto Francisco de Arruda, recorda as conquistas marroquinas, e a vitória espiritual do cristianismo. No século XVII, o oratório é adaptado para a celebração de missas, e é decorado com azulejos de padrão, geométricos. No século XVIII, o oratório foi revestido no interior com azulejos figurativos com passos da vida de São Jerónimo.



Igreja de Nossa Senhora da Piedade

O aumento da população da Póvoa, moveu os senhores do morgadio D. Luís (1644-1704) e D. Pedro de Lencastre (1697-1752) a edificar uma nova e maior ermida (1729). Esta igreja contou, com projeto do arquiteto régio João Antunes. É um modesto templo de nave única com o interior revestido de azulejos azuis e brancos, que formam painéis alusivos à vida da virgem, e ainda, com motivos relacionados com os instrumentos do martírio de Cristo (azulejos de Teotónio dos Santos). Em 1851, há obras de ampliação, e insere-se no corpo da torre sineira, a capela tumular dos Marqueses de Abrantes).



Palácio

Foi edificado entre 1745 e 1752, por ordem de D. Pedro de Lencastre. Procurou imitar os edifícios nobres que se construíam em Lisboa. A área de residência situava-se no piso superior, com muito conforto. Havia vestíbulos, aposentos e um grande salão nobre, onde se realizavam grandes festas. As várias salas estão revestidas por azulejos pintados sob a direção do pintor Valentim de Almeida, que retratam imagens de lazer e divertimento, para além de motivos relacionados com a tapeçaria francesa e a mitologia clássica. No conjunto da quinta, são cerca de 20 000 azulejos. Era sobretudo um palácio de curtas estadas, onde se podia respirar ar saudável, de grandes jardins, caça, equitação, espetáculos tauromáquicos, jogos, dança e músicas. Em 1755, os Senhores de Abrantes, devido ao terramoto, vieram morar para este palácio.

